



SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA REVISÃO DE LITERATURA

Roberta da Silva [*]

RESUMO

As questões que envolvem a saúde mental dos estudantes estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar, o que tem exigido espaço de discussão e proposição de ações de enfrentamento a essa problemática. Nessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo analisar aspectos relacionados à saúde mental dos estudantes no contexto escolar, buscando identificar situações que envolvem os estudantes nesses espaços, apresentar estratégias de enfrentamento e/ou abordagem diante desses problemas observados pelas escolas e apontar possibilidades de atuação das instituições na promoção da saúde mental. A pesquisa, de abordagem qualitativa e de cunho exploratório, foi realizada através de uma revisão bibliográfica na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e pesquisa documental. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, em categorias temáticas definidas aprioristicamente, conforme os objetivos estabelecidos para esta pesquisa. Os achados indicam que há poucos estudos realizados no âmbito das escolas e que as questões relacionadas à saúde mental ainda são abordadas de modo fragmentado e desarticulado no interior da rede de atendimento. Apontam ainda possibilidades de atuação das escolas em busca de estratégias que podem enfrentar essas questões de modo colaborativo e baseado na escuta e acolhimento aos estudantes.

Palavras-chave: Saúde Mental. Escola. Estratégias de ações.

[*] Docente nas Licenciaturas em Física e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, campus Cedro. Docente Colaboradora do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física-UECE/FECLI. Doutora em Psicologia pela UNIFOR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5620-975X> E-mail: robertasilva@ifce.edu.br



INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Atenção Básica compreende que a atenção básica consiste em porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS), configurando-se como um conjunto de ações em saúde de modo individual e coletivo que abrange, dentre outros aspectos, a promoção e a proteção da saúde, por meio de atenção integral, aproximando-se da vida das pessoas, orientando-se pelos princípios “da universalidade, da acessibilidade, do vínculo, da continuidade do cuidado, da integralidade da atenção, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social.” (BRASIL, 2013, p. 19). É premissa da Atenção Básica compreender o sujeito em sua particularidade e inserção sociocultural, com vistas à atenção integral.

A política de saúde mental do Brasil resulta de mobilizações iniciadas na década de 1980, com o intuito de transformar a realidade dos manicômios, estimulado pela relevância do tema dos direitos humanos.

A atenção aos portadores de transtornos mentais passa a ter como objetivo o pleno exercício de sua cidadania, e não somente o controle de sua sintomatologia. Isso implica em organizar serviços abertos, com a participação ativa dos usuários e formando redes com outras políticas públicas (educação, moradia, trabalho, cultura etc). (BRASIL, 2013, p. 21).

No que tange aos cuidados com a saúde mental de crianças e adolescentes, o Ministério da Saúde, em 2005, definiu diretrizes, articuladas aos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para implementação da política pública de saúde mental infantil e juvenil, a qual tem oportunizado a construção de redes de serviço para esse público, em que crianças e adolescentes são compreendidos e respeitados como sujeitos de direito. Em relação aos encaminhamentos, no âmbito do serviço da saúde e entre outros serviços, os mesmos precisam avançar de procedimentos meramente burocráticos de encaminhamentos ainda muito presentes, posto que a orientação recente é de um encaminhamento implicado, com participação ativa das instituições durante todo o processo, no qual o entendimento em rede é o diferencial a ser pontuado, o que implica que cada um dos serviços envolvidos deve atuar em parcerias,



dialogando e definindo conjuntamente as ações propostas, avaliando-as em suas especificidades.

A viabilização dessa atuação em rede se dá mediante a noção de território e suas relações geográficas, subjetivas, culturais, afetivas, sendo o território “o lugar psicossocial do sujeito, a partir do qual seu cuidado ganha sentido e relevância.” Nessa perspectiva, o princípio da intersetorialidade torna-se essencial ao trabalho em saúde mental com crianças e adolescentes, através de parcerias constantes com todos os setores implicados, sobretudo com a educação, a assistência social, a justiça e os direitos – setores historicamente relevantes na assistência às crianças e aos adolescentes brasileiras (BRASIL, 2013).

Ao se tratar de trabalho em Saúde Mental com crianças e adolescentes, sem sombra de dúvidas, observa-se importante intersecção com o universo escolar. Em muitas situações, os encaminhamentos de estudantes para os serviços de saúde mental englobam problemas de aprendizagem e a demanda por medicamentos e laudos (CHAVES; CALIMAN, 2017). Dentre as questões e debates que envolvem o universo escolar, muitas propostas de atuação e enfrentamento resultam de proposições pautadas na visão dos profissionais da área e educadores, em muitas situações, sem um processo atencioso de escuta dos estudantes, o que é fundamental para se pensar em estratégias que se aproximem dessa realidade efetivamente (COUTINHO; CARNEIRO; SALGUEIRO, 2018).

A atenção à saúde mental de crianças e adolescentes exigem práticas de promoção desses serviços em ambientes que possam promover melhor qualidade de vida, sendo a escola um desses espaços por excelência, onde podem ser promovidas e fortalecidas ações que visem ao atendimento desse público (AUDA et al., 2019). Por outro lado, no ambiente escolar, exige-se desempenho satisfatório por parte dos estudantes e muita produtividade por parte dos professores, não só em escolas de educação básica, como também nas Universidades, em que se destacam exigências por projetos e pesquisas com financiamento, publicação de papers diante de recursos escassos, cenário que se desenha competitivo, afetando a saúde de professores e estudantes (ROBAZZI, 2019).

As questões que envolvem a saúde mental dos estudantes estão relacionadas a inúmeros fatores, dentre eles, ansiedade, nervosismo, estresse, medo, insegurança, questões essas que precisam ser enfrentadas durante uma etapa de importantes e singulares transformações. No



contexto do ensino médio, somam-se a isso as expectativas para ingresso no mercado de trabalho ou nos cursos superiores, distúrbios alimentares, preconceitos e situações de vários tipos de violência, sendo frequente a prescrição medicamentosa, a qual tem crescido de forma indiscriminada (CAMPOS et al., 2019).

Para Campos *et al.*, (2019) e BRITO *et al.*, (2019), o período da adolescência é permeado por mudanças “substanciais” no desenvolvimento do sujeito, transformações que são permeadas por sentimentos de inquietação propícios ao surgimento de doenças mentais. Nesse período, o processo de formação de valores e comportamentos pode construir e consolidar, permanentemente, um estilo de vida. Observa-se que, esse público raramente frequenta os serviços de saúde, tornando-se a escola um espaço de importância singular para o desenvolvimento de ações que objetivem promover a saúde mental dos estudantes.

A instituição escolar e seus recursos possuem relevante potencial de “caráter psicossocial para o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes que a frequentam, no engajamento para a consolidação da cidadania e da participação social” (TANO; HAYASHI, 2015, p. 4). Enfrentando essas demandas, a escola mesmo não tendo conhecimento especializado na área, através de seus profissionais, têm realizado escutas, tornando-se importantes interlocutores com os serviços de saúde.

Nessa perspectiva, a questão norteadora desta pesquisa foi “Como a escola tem atuado diante das questões que envolvem a saúde mental de seus estudantes?” A partir de uma revisão narrativa de literatura, consistiu o objetivo geral do presente estudo analisar aspectos relacionados à saúde mental dos estudantes no contexto escolar. Definiram-se como objetivos específicos: identificar situações que envolvem problemas de saúde mental com os estudantes nas escolas; apresentar estratégias de enfrentamento e/ou abordagem desses problemas observados pelas escolas e apontar possibilidades de atuação das escolas na promoção da saúde mental.

METODOLOGIA

A pesquisa, quanto à natureza, caracteriza-se como básica, de abordagem qualitativa e de cunho exploratório. Quanto aos procedimentos técnicos, foi realizada uma revisão narrativa



de literatura e pesquisa documental. Os documentos analisados foram coletados no portal do Ministério da Saúde e os estudos utilizados como referência para análise e discussão, foram coletados na Biblioteca Virtual de Saúde-BVS, a partir de descritores combinados “saúde mental” e “escolas”. As pesquisas selecionadas foram publicadas em Língua Portuguesa, nos últimos 10 anos (2011 -2021). Como critério de inclusão, consideraram-se estudos que dissessem sobre experiências e abordagens acerca da saúde mental realizadas em escolas de educação básica e ou que perpassassem esse contexto, no intuito de construir um diálogo propositivo. Convém destacar que a revisão de literatura desenvolvida tem como intenção sinalizar aspectos relevantes para a proposição do debate que se pretende perante os objetivos estabelecidos para o presente estudo.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011), com enfoque nas etapas de categorização, seguida de interpretação e construção de inferências. As categorias temáticas foram definidas aprioristicamente, conforme os objetivos estabelecidos para esta pesquisa, de modo a responder à questão norteadora e alcançar o objetivo estabelecido para o presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, estão apresentados os resultados e as discussões acerca do estudo realizado. Vale salientar que, além dos estudos selecionados como enfoque para análise, dispostos na tabela 01, outros referenciais foram considerados na tentativa de promover e ampliar o diálogo em torno dos objetivos propostos.

Tabela 01 - Estudo selecionados para análise

Artigo	Periódico	Ano de publicação	Objetivo(s)
A saúde mental sob o viés do gênero: uma releitura da gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica.	Saúde Mental e Gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade	2014	Investigar o modo como se dava esta participação em usuá@r@s de um Centro de Atenção Psicossocial em Brasília.



Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil	Ciência & Saúde Coletiva	2018	Estudar o perfil de bem-estar entre adolescentes escolares satisfeitos e insatisfeitos com a imagem corporal.
Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola?	Psicologia Escolar e Educacional	2018	Discutir sobre a importância das pesquisas com crianças e adolescentes, nas quais se preconiza o olhar para esses como sujeitos, e não como seres em formação.
Conhecimento de adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico para a saúde mental	Ciência & Saúde Coletiva	2019	Investigar o conhecimento dos adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico sobre a saúde mental.
Entre Saúde Mental e a Escola: a Gestão Autônoma da Medicação	Revista Polis e Psique	2021	Tecer considerações sobre as práticas produzidas no entrecruzamento da Saúde Mental e a escola.
Fatores associados ao estilo de vida de estudantes do ensino médio de escolas públicas	Revista Gaúcha de Enfermagem	2021	Avaliar os fatores associados ao estilo de vida de estudantes do ensino médio de escolas públicas
A pesquisa com crianças: a criança como sujeito de pesquisa	Revista Seminário Nacional de Arte e Educação	2021	Compreender os processos subjetivos das notações musicais, de um grupo de nove crianças, com idade entre 4 a 6 anos, alunos de musicalização da FUNDARTE.

Fonte: elaboração própria.

As categorias de análise estabelecidas para a apresentação e discussão dos dados foram: Questões de saúde mental na escola; Estratégias de enfrentamento; Possibilidades de atuação das escolas.

Questões de saúde mental na escola

As demandas escolares, que não poucas vezes inundam os serviços de saúde mental infanto-juvenil, evidenciam que há em curso uma relação entre saúde, escola e família, quase

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n. 1, p. 1-18, e-rte321202321, 2023.



sempre enrijecida e permeada pela desconfiança. A relação histórica estabelecida entre “problemas de aprendizagem” e “problemas de saúde” reforça um processo de “cuidado” que se dá cada vez mais de forma fragmentada e isolada, buscando-se, em muitos casos, abordagem clínica com uso de medicamentos que podem, quando visto como a única saída, isolar, desconectar e desarticular uma vida que se faz em relações (CHAVES; CALIMAN, 2017).

O que a realidade tem apresentado, em boa parte do país, são escolas repletas de demandas, para as quais não estão preparadas para lidar. Demandas que fazem parte do contexto dos estudantes e que se refletem em seus processos de ensino-aprendizagem, mas que se afastam das reais condições de atuação das escolas frente a essas demandas. Soma-se a isso a precariedade das condições de trabalho de seus profissionais e a ausência de profissionais especializados para tratar de questões como a saúde mental, por exemplo, no contexto das escolas.

A heterogeneidade das salas de aula que acolhem estudantes de realidades tão distintas representam para as escolas desafios que precisam ser enfrentados com sensibilidade para o olhar individualizado para cada um, porém sem as condições adequadas para esse olhar atencioso e especializado, quando há qualquer tipo de evidência ou hipótese de que algo não está bem com o estudante, o que pode dificultar e comprometer seu processo de aprendizagem.

As famílias, por sua vez, também não se encontram preparadas para esse olhar mais atencioso, considerando-se, sobretudo, suas realidades, não diferentes das escolas, de sobrecarga de trabalho e falta de conhecimento. Por essa razão, acaba sendo conferida às escolas a tarefa de observar seus estudantes diante de questões que indicam algum tipo de problema relacionado à saúde mental.

Um estudo de Brito et al., (2019), indica que o estilo de vida dos estudantes está associado a uma gama de variáveis como a auto percepção de sua qualidade de vida e sintomas de depressão. O estilo de vida, a partir do estudo, associa-se com as variáveis de auto percepção da qualidade de vida, sintomas depressivos e consumo regular e/ou dependência de internet. Associam-se à qualidade de vida elementos como “interação social, atividade física, nutrição, uso de cigarro, drogas e álcool, estresse e sexualidade” (BRITO et al., 2019, p. 18). A utilização sem controle da internet, por exemplo, pode ser danosa, repercutindo em estabelecimento de



padrões comportamentais, embora possa, por outro lado, ser aliada nos processos de promoção da saúde pelo forte poder de difusão de informações.

Essas questões experienciadas pelos adolescentes permeiam o cotidiano das escolas e se manifestam de várias formas, desde a comportamentos violentos a comportamentos de extremo silêncio e introspecção. Através da falta de interesse pelas atividades escolares e pelo futuro diante da escolha de uma profissão, mediante a falta de respeito pelos professores e colegas, posturas agressivas e desafiadoras, além de reclusão e ações de automutilação.

Lemes (2018) destaca que a adolescência corresponde a um período crítico na formação do sujeito, marcada por “instabilidades física, psicológica e social” (LEMES, 2018. p. 2). Destaca nessa etapa a transformação do corpo, que em algumas situações ocorre de modo insatisfatório, o que pode favorecer uma autoavaliação prejudicial, que repercute psicologicamente nos adolescentes. Como nessa fase o jovem está construindo sua identidade, tanto pessoal quanto social, a escola é palco dessas vivências e experiências expressas em diálogos e atitudes de rebeldia e certa intolerância consigo e com os outros.

Por não possuírem os padrões estabelecidos socialmente como adequados, os adolescentes podem demonstrar excessiva preocupação com a aparência física e esse conflito também encontra na escola um espaço de manifestação. Durante essa fase, a imagem corporal pode representar um importante elemento estressor, sendo de fundamental importância compreender seus efeitos sobre o bem-estar geral desse grupo, destacando-se as meninas são mais vulneráveis à essa insatisfação com o corpo.

Segundo Zanello (2014), as mulheres são recorrentemente mais diagnosticadas com depressão e transtornos de ansiedade, enquanto entre os homens, observa-se maior incidência de comportamentos antissociais e abuso de álcool. Observam-se duas vertentes que explicam as questões relacionadas às mulheres, a vertente biologizante e a sócio-histórica. Para a vertente biologizante, a depressão e ansiedade em mulheres relaciona-se aos hormônios específicos em seus corpos, agindo na modulação do humor (ANDRADE; VIANA; SILVEIRA, 2006). Para a vertente sócio-histórica, o sofrimento psíquico relaciona-se aos papéis e atribuições sociais, as quais incluem as relações de gênero (ZANELLO; BUKOVITZ, 2012).



é preciso considerar que tanto meninas quanto meninos apresentam dificuldades com o tema no período da adolescência. Isso ocorre porque o corpo é experienciado e visto através de, pelo menos, duas diferentes perspectivas. A primeira refere-se às muitas mudanças que ocorrem no âmbito cognitivo, afetivo e social; a segunda está associada à estética socialmente aceita na atualidade, a qual chega a todos os indivíduos através da mídia. (LEMES, 2018, p. 9).

A concepção de saúde na adolescência é muito mais ampla que simplesmente a ausência de doença. Nesse sentido, a saúde está relacionada também a bem-estar, amor, carinho, alegria, vida, atividades físicas. Em pesquisa referenciada por Leme (2018), a escola quando associada ao local de estudo, representa para os estudantes um espaço de falta de prazer, ao passo que, quando associada ao ambiente de fazer amigos e se relacionar com eles, brincar ou desobedecer às normas disciplinares estabelecidas, a escola parece fazer mais sentido aos estudantes.

Conforme Leme (2018), atualmente, para além dos rótulos atribuídos aos “alunos-problema”, identificando-os como os que não aprendem, são cada vez mais utilizados para explicar as dificuldades de aprendizagem na escola. Diante desse contexto, a proposta de medicalização surge e se insere rápida e intensamente no contexto escolar, caracterizando o sujeito como um ser meramente biológico (COUTINHO; CARNEIRO; SALGUEIRO, 2018), perdendo-se a capacidade de compreender o sujeito enquanto ser humano, sujeito que precisa ser compreendido em sua particularidade.

Em uma escola que se diga efetivamente democrática e solidária, é preciso aprender o exercício da escuta. Somente essa escuta permite a escola e a seus profissionais chegarem até os estudantes. A fala impositiva não permite diálogo, tolhe a liberdade e submete os sujeitos à padronizações de modos de ser, de sentir e de se comportar. “A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo” (FREIRE, 1996, p. 115), postura que se percebe presente em grande parte das escolas.

As experiências e os sentimentos de mal-estar que os estudantes sentem em seus cotidianos, na maioria das vezes não são ouvidas tampouco consideradas. Ignorando-os, inibindo, desse modo, quaisquer possibilidades de que os estudantes possam ajudar a escola a transformar essa realidade, por entenderem-na como não sendo o lugar para o diálogo e para a escuta. Destaque-se ainda o fato de que muitos professores não sabem o que fazer com essas

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n. 1, p. 1-18, e-rte321202321, 2023.



escutas que lhes chegam, por não estarem preparados para essa tarefa que vai se somando a tantas outras presentes no seu fazer docente. Repensar o processo de formação inicial e continuada pode acenar como estratégia fundamental para se promover estudos direcionados a essa nova realidade inerente ao fazer docente, com base, por exemplo, em pressupostos freirianos, assim como aponta Abreu; Soares; Carvalho (2021), o que pode contribuir para práticas educativas emancipatórias, diante das quais as questões de saúde são primordiais.

Porém, idealizar a escola como um lugar “asséptico” para melhor funcionar é algo puramente ilusório. O que se percebe é a existência de uma escola que prioriza em demasia o cognitivo sem espaço para que “a raiva, a tristeza e a decepção apareçam e sejam incluídas no seu dia a dia” (COUTINHO; CARNEIRO; SALGUEIRO, 2018, p. 4). Percebe-se uma escola sustentada pela lógica da eficiência, da eficácia e da técnica, alinhada ao imperativo neoliberal, não havendo espaço para o sujeito (COUTINHO; CARNEIRO; SALGUEIRO, 2018) apenas para o cumprimento de currículos e programas engessados, contrariando princípios basilares da formação integral prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) dentre os quais se destacam princípios de liberdade, de solidariedade humana, visando ao pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania (BRASIL, 2020).

Diante da temática trazida à discussão, destacam-se estudos que agregam ao diálogo, como Oliveira; Carvalho (2022), cujo estudo pontua a temática da saúde na perspectiva da BNCC do ensino médio, abordagem em que predominam orientações voltadas para a Educação Física.

Estratégias de enfrentamento

A dificuldade de identificar as questões relacionadas à saúde mental dos estudantes dificulta, conseqüentemente, pensar estratégias de enfrentamento dessas questões. A escola como ambiente desconectado do mundo reforçou a crença da existência de um ambiente escolar integralmente “pleno e moral.” Nessas circunstâncias, as estratégias postas são a problematização individualizada na perspectiva do aluno, do professor e da escola, ampliando-se as demandas por “individualizar e corrigir” (COUTINHO; CARNEIRO; SALGUEIRO, 2018).



Brito et al., (2019) descreve uma experiência que contribui para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde no cenário escolar, o Programa Saúde na Escola (PSE). Planejado e organizado por enfermeiros, as ações contribuem para o fortalecimento da relação entre a saúde e a escola, buscando-se estabelecer mudanças de comportamentos e conscientização dos hábitos de vida saudáveis. As atividades de (re)conhecimento das emoções busca a promoção da saúde mental na escola, a mudança de comportamento, a expressão das emoções e o empoderamento dos sujeitos. O projeto possibilitou uma mudança na rotina da escola, fortalecendo o relacionamento entre professores e alunos, relação essa que, quando positiva, promove autoconfiança entre ambos, estabelecendo-se uma relação de escuta e acolhimento. Foram desenvolvidas atividades como painel das emoções e rodas de conversas, o que contribuíram para ações de respeito mútuo entre as comunidades.

No que diz respeito à ação do professor, observou-se sua função de mediador nos diversos contextos, oportunizando a criação condições que venham a desenvolver as capacidades voltadas à tomada de decisões diante das situações enfrentadas, para construções de regras junto aos estudantes, de cooperação, solidariedade, diálogo, e o respeito a si e ao outro, desenvolvendo ações de cuidado entre os colegas (BRITO et al., 2019).

Robazzi (2019) relata sobre um estudo acerca do bem-estar em Universidades, com graduandos e professores cujo projeto envolveu atividades físicas e de cuidados com a saúde. Os resultados mostraram que as intervenções propostas foram eficazes para melhorar a qualidade de vida de boa parte dos participantes. Porém, alguns não conseguiram atingir “níveis satisfatórios de diminuição da fadiga e de dores” (ROBAZZI, 2019, p. 2), o que reforça a importância de mais pesquisas direcionadas para a saúde física e mental dos alunos e também dos trabalhadores da educação, buscando promover melhores condições de atuação para a comunidade acadêmica.

Ações como essas podem ser adequadas ou adaptadas às variadas realidades escolares, mediante parcerias com profissionais da rede de saúde, realização de atividades interdisciplinares entre docente, ciclos de estudos compartilhados entre a comunidade escolar, sendo todas as atividades organizadas e desenvolvidas por todos os segmentos mediante as condições da escola. Entende-se, com base no estudo de Silva; Niquini (2021) que, dentre as estratégias de enfrentamento, destaca-se como de fundamental importância a atuação dos



professores, que, mediante uma melhor compreensão acerca desse conceito e de todos os fatores nele implicados podem apresentar propostas de intervenção mais eficazes em seus contextos de atuação.

Possibilidades de atuação das escolas

Entendendo a escola como lócus para ações que perpassam princípios de equidade, justiça social e promoção da saúde, empoderamento individual e coletivo, que fundamentam o campo da promoção da saúde, compreender o estilo de vida dos estudantes subsidia ações de promoção e proteção à saúde. Desse modo, é preciso que as escolas se estruturam para fomentar hábitos de vida saudáveis, o que engloba a melhoria da estrutura física, a formação de professores, realização de ações educativas, a orientação em saúde de modo geral, boas relações de convívio entre os integrantes e uma gestão sustentável do ambiente (BRITO et al., 2019).

De acordo com Campos et al., (2019), as práticas de exercícios físicos proporcionam benefícios para a melhora da aprendizagem, sentimentos de bem-estar geral, diminuindo, conseqüentemente, possíveis sintomas de ansiedade e depressão. Sugere-se ainda que, quando os adolescentes têm conhecimento acerca desses benefícios, sentem-se motivados para a prática de exercícios físicos, as quais promovem a saúde mental, devendo, pois a escola atuar no estímulo a essas práticas através dos componentes curriculares, o que poderia reduzir, por exemplo, a necessidades de medicamentos nos casos em que adolescentes façam uso.

As práticas de atividades físicas assim como o consumo de alimentação saudável melhoram o estilo de vida, devendo, desse modo, as escolas utilizarem estratégias para adequação de espaços para práticas de atividades físicas bem como de melhorias nas condições nutricionais. Projetos colaborativos também são apontados como forma de contribuir para a construção de um cotidiano mais colaborativo e saudável.

Em relação à atuação dos professores, momentos de formação podem possibilitar espaços para diálogo entre pares e para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, além de contribuir para que o professor possa enfrentar as diversidades de situações presentes no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, ações escolares de promoção de saúde mental, desenvolvidas pelos educadores são de importância singular, pois potencializam o



empoderamento de estudantes ao externarem suas emoções, ressaltando-se a necessidade de investimentos na formação desses profissionais, para que possam atuar diante de situações de estressantes, possibilitando-os promoção da saúde mental de crianças e adolescentes (BRITO et al., 2019).

Segundo Rhoden (2012), a inserção das crianças nas pesquisas reconhece sua importância enquanto sujeitos, colocando-as em um lugar de protagonismo, permitindo-lhes externar aspectos de sua realidade, dando-lhe voz ativa. O processo de escuta de crianças e adolescentes pode agregar potencial às ações pensadas, tornando as suas falas como ponto de partida para quaisquer estratégias de atuação, permitindo um novo e transformador olhar sobre a escola e suas práticas pedagógicas. Percebe-se que o sentimento que permeia boa parte dos estudantes é de uma escola como um lugar associado ao cumprimento de regras apenas, sem diálogo na construção das mesmas. Possibilitar o espaço da fala é também conceder-lhes espaço de expressão de sentimentos de o mal-estar relacionado ao seu contexto como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacam Sousa, Bastos e Silva (2022), compreender os contextos históricos permite elucidar e melhor problematizar os desafios enfrentados no âmbito das escolas, sendo possível mediante essa compreensão minimizar problemas através da proposição de respostas que considerem os sujeitos em suas particularidades e subjetividades.

Considerando os objetivos propostos para o presente estudo, no que concerne às questões de saúde mental na escola, as pesquisas consultadas apontaram uma relação fragilizada entre instituições de saúde, escola e família. Mostraram ainda o despreparo dos profissionais que atuam nas escolas diante de questões tão específicas, assim como despreparo também das famílias. Indicam ainda uma constante associação de problemas de aprendizagem a problemas de saúde, o que conduz a abordagens e a processos de cuidado que se mostram fragmentados, sem a articulação devida entre as instituições de saúde e educação, entre os segmentos que compõem a comunidade escolar, e com certa tendência ao uso de medicamentos.

O estilo de vida e aspectos relacionados à qualidade de vida dos adolescentes, considerando as transformações de cunho biológico e social pelas quais esse público passa,



surge como aspecto de fundamental importância para o olhar atencioso da escola, uma vez que a representação que os estudantes têm desse espaço institucional é de um lugar que lhes remete a cumprimento de regras, sem oportunidade para diálogo e escuta, cuja preocupação máxima consiste na produção de bons resultados acadêmicos, sem a necessária atenção para acolhimento dos sujeitos.

As estratégias de enfrentamento são difíceis de serem pensadas à medida em que é igualmente difícil se perceber as questões relacionadas à saúde mental. Desse modo, é imperativo que as problematizações acerca dessas problemáticas sejam conjuntas e, sobretudo, que façam parte do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola, refletindo o compromisso institucional com essa temática.

Os estudos sugerem que o investimento em formação dos profissionais que atuam nas escolas, principalmente, os professores é estratégia que merece atenção. O fortalecimento de vínculos entre professores e estudantes, a construção de um clima de confiança recíproca são aspectos que igualmente merecem atenção, assim como o estímulo a práticas de atividades físicas e de hábitos saudáveis de alimentação.

As escolas podem atuar de modo a construir um ambiente favorável à escuta, a construir espaços efetivamente democráticos e de possibilidade de expressão por parte dos estudantes. O incentivo e apoio a projetos integradores e coletivos são possibilidades que acenam para a mudança do cotidiano das escolas. A atuação junto a famílias através de rodas de conversas ou de outras ações que promovam o diálogo e uma rede de colaboração e de formação conjunta em que o estudante faça parte e seja protagonista.

A criação de ações voltadas ao cuidado, conforme Chaves e Caliman (2017), torna-se de bastante relevância, no intuito de se acessar e compreender os contextos dos quais emergem essas demandas escolares, numa perspectiva colaborativa com as famílias e a rede de atendimento. As respostas não estão prontas, mas podem e precisam ser buscadas em contextos, a partir de um exercício de reflexão coletiva e de um trabalho intersetorial entre as instituições do entorno da escola. As problemáticas precisam de abordagem articulada e sistêmica para que a promoção da saúde mental seja o objetivo maior, rompendo com práticas diagnósticas que tendem a culminar com prescrições medicamentosas.



Há ainda poucos estudos sobre a temática no âmbito das escolas, porém, numa perspectiva de trabalho integrado, é fundamental que essas experiências sejam estimuladas e sistematizadas para inspirar e orientar outras instituições, o que se pontua aqui como alternativa para trabalhos futuros, qual seja desenvolver um projeto na instituição da pesquisadora e relatá-lo academicamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Laura Helena S. G.; VIANA, Maria Carmen.; SILVEIRA, Camila Magalhães. Epidemiologia dos Transtornos Psiquiátricos na Mulher. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 43-54, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000200003. Acesso em: 18 abr. 2021.

ANDRADE Abreu, M.; DÁVILA de Sousa Soares, F.; Paula de Souza Rego Pinto CARVALHO, D. Contribuições de Paulo Freire para o ensino em saúde: uma revisão integrativa. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 141–156, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n3.59991. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/59991>. Acesso em: 10 dez. 2022.

AUDA, Jéssica Maria de et al. Percepção de professores sobre ações de grupos de (re)conhecimento emocional. **Journal of Nurs and Health**, v. 9, n. 2, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/16400/10592>. Acesso em: 05 mar. 2021

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

OLIVEIRA, Cibele Beatriz da Silva; CARVALHO, Diana Paula de Souza Rego Pinto. BNCC e saúde no Ensino Médio: revisão da produção em Programas de Pós-Graduação stricto sensu. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 21–40, 2022. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2022v31n1.61747. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/61747>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Cadernos de Atenção Básica Saúde mental** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013, n. 34, 176 p.: il. ISBN 978-85-334-2019-9. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n. 1, p. 1-18, e-rte321202321, 2023.



BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB- Lei nº 9.394/1996 – Lei nº 4.024/1961**. Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 4. Ed, 59 p. Brasília, DF: Senado Federal. Estabelece a: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRITO, Maria Fernanda Santos Figueiredo. Fatores associados ao estilo de vida de estudantes do ensino médio de escolas públicas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 40, p. 1-8, jnh. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472019000100419. Acesso em: 12 mar. 2021.

CAMPOS, Cezenário Gonçalves et al. Conhecimento de adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico para a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 8, p. 2951-2958, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2019.v24n8/2951-2958/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

CHAVES, Felipe Alan Mendes; CALIMAN, Luciana Vieira. Entre Saúde Mental e a Escola: a Gestão Autônoma da Medicação. **Revista Polis e Psique**, v. 7, n. 3, p. 136 – 160, 2017. Disponível em: <https://seer.ufg.br/PolisePsique/article/view/75328>. Acesso em: 06 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Lidiane Gonzaga e.; NIQUINI, Cláudia Mara. Educação Física escolar e a promoção da saúde: o que nos dizem os professores sobre suas práticas educativas? what teachers tell us about their educational practices? **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 19–38, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2021v30n2.55271. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rte/article/view/55271>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LEMES, Daniela Carolina Molina Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 12, p. 4289-4298, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018001204289&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 abr. 2021.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana; SALGUEIRO, Larissa Magalhães. Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 1, p. 185-193, jan/abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v22n1/2175-3539-pee-22-01-185.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2021.

RHODEN, Sandra. A pesquisa com crianças: a criança como sujeito de pesquisa. **Revista Seminário Nacional de Arte e Educação**, n. 23, p. 1-8. 2012. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/112>. Acesso em: 16 abr. 2021.

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n. 1, p. 1-18, e-rte321202321, 2023.



ROBAZZI, Maria Lucia do Carmo Cruz. Promotion of physical and mental health and well-being in the university environment. **SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** n. 15, v. 2, p. 1-3, abr/jnh. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v15n2/en_01.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

SOUSA, Israel Soares de.; BASTOS, Raquel Leão de.; SILVA, Severino Bezerra da. Caminhos históricos da educação brasileira: lições para o entendimento das desigualdades contemporâneas. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. e-rte313202205, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/64586>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TANO, Bruna Lidia.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Saúde mental infantojuvenil e educação: análise bibliométrica da produção científica nacional e internacional. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, v. 9, n. 3, p. 1-26, jul/set. 2015. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/989/1979>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ZANELO, Valeska. A saúde mental sob o viés do gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In: ZANELO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Müller de. **Saúde Mental e Gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade**. Curitiba: Appris, 2014, p. 244.

ZANELLO, Valeska.; BUKOWITZ, Bruna. Insanity and culture: an approach to the gender relations in the speeches of psychiatrized patients. **Labrys: études féministes/ estudos feministas**. v. 20-21, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/valeska%20ingles.htm>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MENTAL HEALTH AT SCHOOL: REFLECTIONS FROM A LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

Issues involving students' mental health are increasingly present in everyday school life, which has required space for discussion and proposition of actions to deal with this problem. In this perspective, the present study aimed to analyze aspects related to the mental health of students in the school context, seeking to identify situations that involve students in these spaces, to present strategies for coping and/or approaching these problems observed by schools and to point out possibilities for action institutions in promoting mental health. The research, with a qualitative and exploratory approach, was carried out through a bibliographic review in the Virtual Health Library (VHL) and documentary research. Data were analyzed based on content analysis, in thematic categories defined a priori, according to the objectives established for this research. The findings indicate that there are few studies carried out within schools and that

Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 32, n. 1, p. 1-18, e-rte321202321, 2023.



issues related to mental health are still addressed in a fragmented and disjointed way within the care network. They also point out possibilities for schools to act in search of strategies that can face these issues in a collaborative way and based on listening and welcoming students.

Keywords: Mental health. School. Stock strategies.

SALUD MENTAL EN LA ESCUELA: REFLEXIONES A PARTIR DE UNA REVISIÓN DE LA LITERATURA

RESUMEN

Las cuestiones que involucran la salud mental de los estudiantes están cada vez más presentes en el cotidiano escolar, lo que ha requerido espacios de discusión y proposición de acciones para enfrentar este problema. En esa perspectiva, el presente estudio tuvo como objetivo analizar aspectos relacionados con la salud mental de los estudiantes en el contexto escolar, buscando identificar situaciones que involucran a los estudiantes en estos espacios, presentar estrategias para el enfrentamiento y/o abordaje de estos problemas observados por las escuelas y para señalar posibilidades de actuación de las instituciones en la promoción de la salud mental. La investigación, con abordaje cualitativo y exploratorio, fue realizada a través de revisión bibliográfica en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) e investigación documental. Los datos fueron analizados a partir del análisis de contenido, en categorías temáticas definidas a priori, de acuerdo con los objetivos establecidos para esta investigación. Los hallazgos indican que existen pocos estudios realizados al interior de las escuelas y que las cuestiones relacionadas con la salud mental aún son abordadas de forma fragmentada y desarticulada dentro de la red de atención. También señalan posibilidades para que las escuelas actúen en la búsqueda de estrategias que puedan enfrentar estos temas de manera colaborativa y a partir de la escucha y la acogida de los estudiantes.

Palabras clave: Salud mental. Escuela. Estrategias bursátiles.

Submetido em: 07 de março de 2022.

Aprovado em: dezembro de 2022.

Publicado em: fevereiro de 2023.